

## Da escrita e da sua materialização: Augusto Baptista

### On writing and its materialization: Augusto Baptista

José António Gomes

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto  
jam.gomes@netcabo.pt

**Palavras-chave:** brevidade, narrativa, “enigma”, paratexto, visualidade, materialidade.  
**Keywords:** brevity, narrative, “enigma”, paratext, visibility, materiality.

Neste texto, procuro contribuir para resgatar da sombra e do silêncio crítico a obra artística e a identidade autoral de Augusto Baptista. Silêncio em boa parte motivado pela circulação quase confidencial de vários dos seus livros (os principais), à margem dos circuitos de produção e distribuição mais comuns.

Enquanto criador, Augusto Baptista (nascido em 1946, em Oliveira de Aze-meis) (v. Lopes, 2017) tem uma intervenção repartida por diversas áreas: a escrita, o desenho e a ilustração, a fotografia e o design gráfico. Criador de tangram – puzzle com sete peças geométricas, inventado na China há mais de dois séculos, e que cativou escritores como Edgar Allan Poe e Lewis Carroll (Slocum, 2010, p. 18) –, Baptista concebeu e editou diversos volumes neste domínio (não mencionados neste ensaio, exceto um), tendo chegado a entretecer o jogo, no seu desafiador geometrismo, o alfabeto e a palavra de intenção literária.

Aconteceu numa obra intitulada *A explicação dos gatos – com figuras de tangram* (Baptista, 2016), que pode ser classificada como um *picture book* ou álbum (um álbum poético (v. Ramos, 2011) para ser mais preciso) em que Augusto Baptista toma em mãos e desenvolve, quer verbal quer visualmente, um dos tópicos de eleição da sua criação literária e pictural: a figura do gato. Mas fá-lo propondo simultaneamente um jogo de tangram, com as respetivas soluções no final, e compo-ndo o texto (belo e divertido texto, de recorte lúdico, que reflete e se interroga sobre a peculiaríssima natureza deste animal tão próximo do homem) em original fonte tipográfica concebida a partir das figuras de tangram. Visualmente, a obra distingue-se pela *reconhecibilidade* dos felinos nos mais diversos movimentos e posições, pela sua graça e expressividade, compostos que estão com as “peças” do puzzle chinês. E desse modo acompanham o leitor ao longo das 64 páginas do álbum (de acentuado dinamismo visual), à medida que vai lendo o texto escrito

em alfabeto de tangram. Um conjunto que não deixa de se abeirar das experiências concretistas.

No campo da escrita, Baptista tem pois produzido contos, elucidários poético-humorísticos, alguns poemas, um tipo peculiar de frases interrogativas a que chama “enigmas” e ainda reportagens e crônicas em publicações periódicas, como as reunidas em *Gente do Porto* (Baptista, 2017) – além de ter editado o ensaio/reportagem *Floripes Negra* (Baptista, 2001) sobre um espetáculo de teatro popular de S. Tomé e Príncipe<sup>1</sup>, o *Auto de Floripes*. Nesta obra, situável nos campos da etnografia e da antropologia, são pesquisadas as origens europeias medievais do auto e mapeado o seu rasto por diversos países e continentes. A esta investigação talvez não seja indiferente ter Baptista trabalhado em jornalismo e foto-jornalismo. Fê-lo na *Notícias Magazine* (revista semanal do *Diário de Notícias* e do *Jornal de Notícias*) e publicou *cartoons*, por exemplo no suplemento cultural de *O Primeiro de Janeiro*. Esses e outros encontram-se editados em *Humor das multidões* (Baptista, 2000). O autor de *O caçador de luas* cria ainda ilustrações para capas de livros, sendo responsável pela conceção gráfica da maioria das suas próprias obras. É seu também o design de coleções publicadas, nos últimos anos, pela Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, a cuja direção tem pertencido (por exemplo, a coleção “Memória perecível”, onde, em 2014, saiu a 2ª edição, aumentada, de *O medo não podia ter tudo*, obra que publicou em coautoria com Francisco Duarte Mangas, assinando três dos seis contos que a constituem).

*Humor das multidões* merece aqui breve comentário, dado tratar-se de um trabalho em que a palavra coopera com o desenho na construção do efeito cómico, principal propósito da obra, como o título indicia. O *cartoon* é uma forma moderna, breve e eficaz de expressão humorística – e essa expressão constitui traço marcante da produção do autor, considerada na sua globalidade. Indissociáveis, enquanto comentários do quotidiano, do suporte de origem, que é o periódico (onde alguns destes trabalhos, como disse, foram inicialmente divulgados), os *cartoons* revalorizam-se, contudo, quando a totalidade de um ciclo é apresentada em volume, como aqui sucede.

Pseudónimo *percetivo* de Augusto Baptista, ou seja, uma onomatopeia quase, sugerindo uma batida suscetível de atrair atenção, BAP soa a marca autoral de cartoonista, e com ela surgem assinadas estas vinhetas de página inteira, cons-

<sup>1</sup> Cito sinopse editorial disponível em [http://www.almedina.net/catalog/product\\_info.php?products\\_id=11500](http://www.almedina.net/catalog/product_info.php?products_id=11500) (acedido em 16-5-2017): “*Floripes Negra* diz respeito à representação, na Ilha do Príncipe, de um dos mais antigos e prolixos factos/lenda europeus. Aqui se fala de Carlos Magno, dos seus heroicos Doze Pares de França, do almirante mouro Balão e de sua filha Floripes, princesa turca, casta e «inocente» donzela na versão africana, de seu irmão, o temível guerreiro mouro Ferrabrás. A par com a tradição do Tchilóli, na ilha de São Tomé, o *Auto de Floripes* assume-se como uma das mais extraordinárias mobilizações culturais populares africanas, no capítulo das artes teatrais e performativas, profundamente enraizadas em São Tomé e Príncipe. Floripes fala-nos de ecos longínquos da mítica *Canção de Rolando*. Referências medievais em versão tropical, é isso que fala e mostra Augusto Baptista, num exemplar trabalho de pesquisa e reportagem, seguindo os rastros do «maravilhoso carolíngio», desde Trás-os-Montes e Minho até à «ilha passarinho» do pequeno arquipélago africano de São Tomé e Príncipe, passando por «outras» Floripes, uma herança que o tempo e as diásporas tornaram global, das Honduras ao Brasil, da Índia ao México ou a Espanha”.

tituídas por uma mesma imagem que, obsessivamente replicada do princípio ao fim do livro, representa uma imensa multidão, compacta como floresta.

Dessa multidão emergem balões de fala (único elemento que muda de página para página), geralmente um ou dois, sugerindo situações quotidianas, ou antes, interações verbais – por vezes também micro-solilóquios – cujo efeito cómico nasce quase sempre do preciso contexto em que são “ouvidas”, ou seja, no meio de uma multidão inexpugnável de cabeças e de corpos em exasperante aperto. Alguns exemplos de tais verbalizações por parte das personagens: “– Perdeu alguma coisa? / – A lente de contacto...”; “– Desculpe, a bicha começa onde?”; “– É para o 1º Cartório? / – Não! É para o 2º!”; “Alguém me troca mil?” e, na outra ponta da enorme e compacta massa de gente, a insólita resposta, de quase impossível dimensão perlocutória: “Serve em duas de quinhentos?” (Baptista, 2000, n.p.).

Pela dificuldade em apresentar o texto pictural (sem o qual o texto linguístico perde sentido e efeito cómico), não se torna fácil resumir ou sequer tentar reproduzir o irreproduzível: a tensa relação indivíduo/multidão, mas também a graça e o anedótico, a exposição do ridículo, o sentido crítico à flor dos dedos do humorista, linhas que hão de prolongar-se nos divertidos desenhos sem palavras (ou quase sem palavras) de *Opus 4*, volume em que Baptista (2014) reúne os seus quatro livros de desenhos humorísticos.

De passagem, é de registar ainda a qualidade do trabalho fotográfico deste artista também visual, a merecer análise competente, e que se encontra disperso em publicações periódicas e de outros tipos, por exemplo o pequeno volume *Esta terra* (Baptista, 2012), que inclui fotos centradas no Espinhal, freguesia do concelho de Penela, e um par de curtos textos introdutórios do autor. Outro exemplo: a série de fotografias da Invicta feitas para *Porto de honra e outras cascatas*, livro de poemas de Vergílio Alberto Vieira (2017).

No domínio propriamente literário, diria que a escrita de Augusto Baptista se distingue pelo cultivo de formas e géneros da brevidade. Em primeiro lugar, e com destaque, textos narrativos curtos (contos, contos breves e microcontos) que preenchem o essencial de cinco dos seus livros – e talvez a difícil circulação das obras, já mencionada, explique o facto de não ser referenciado como um dos cultores de microficção por Henrique Fialho (2008), no seu ensaio-prefácio à *Primeira antologia de micro-ficção portuguesa* (seleção e organização de Rui Costa e André Sebastião).

Os mais longos são os três contos de *O medo não podia ter tudo*, ficções de atmosfera castrense, remetendo para o período da Guerra Colonial ou para os meses após o seu termo, centradas na questão do medo. Talvez seja de lembrar que, durante o serviço militar, antes do 25 de Abril, o autor frequentou a Escola Prática de Infantaria em Mafra, tendo sido posteriormente oficial do exército português e prestado serviço em Angola, antes e depois de Abril de 1974, já no quadro do MFA (Movimento das Forças Armadas). Os contos do livro têm como base este fundo vivencial. No primeiro, “A contra-onda”, cuja emblemática frase final é utilizada como título da obra, narra-se o ocorrido durante um levantamento de rancho em arriscado protesto contra a Guerra Colonial, no contexto do 1º curso de oficiais milicianos de 1971, em Mafra. De modo conseguido, descreve-se a tensão psicológica e emocional entre instruendos e oficiais de comando,

centrada na capacidade de resistência coletiva daqueles. Em “O velho Willys” e “Golpes de mão”, contam-se episódios ocorridos em Angola, pouco tempo após o 25 de Abril, quando se manifestam as primeiras crispções sérias, já em clima de liberdade, entre angolanos e a tropa portuguesa enquadrada pelo MFA. Em ambas as histórias, encontra-se um capitão, figura central cujo ponto de vista é apresentado.

Inicialmente saído com a chancela da Campo das Letras, em 1999, por ocasião do 25º aniversário da Revolução de Abril, *O medo não podia ter tudo*, veio a ser editado em Itália com o título *La paura non poteva vincere* (NonSoloParole, 2006) e novamente trazido a lume, como ficou dito, em edição aumentada, quinze anos após a primeira (o terceiro conto é já de 2014). Nas três narrativas, intui-se a intenção política – uma ótica anti-colonialista e anti-racista, humanista e democrática – que, no entanto, nunca se sobrepõe à intenção estética e ao propósito de apresentar quadros humanos credíveis, psicologicamente tensos.

Oscilando entre as cinco e as nove páginas de texto, as histórias são verossímeis, o efeito de real conseguido, e o estilo de Augusto Baptista, no plano da linguagem, é já reconhecível: escrita reduzida “ao osso”, períodos curtos, sintaxe tendencialmente elíptica, concisão, certo refreamento de elementos referenciais favorecendo a liberdade interpretativa... Traços que o leitor reencontra em *Histórias de coisa nenhuma e outras pequenas significâncias* (Baptista, 2000).

Neste outro livro, porém, a *brevidade* impõe-se desde logo como elemento diferenciador que se manterá nos livros seguintes de Baptista. A poética da rasura começa nos títulos, que apenas existem em meia dúzia de textos (e eles são dezenas). A economia de meios narrativos (personagens sem nome, narrador heterodiegético respeitando a lógica temporal dos eventos, elisão ou quase das coordenadas espaço-temporais da ação...) bem como a economia de meios linguístico-expressivos, o culto da elipse sintático-semântica e do fragmentário são quase princípios compositivos do conjunto das narrativas breves ou brevíssimas que o livro propõe (porque não contém apenas narrativas, importa dizer). Mas há mais. A por vezes desarmante simplicidade de alguns textos desconcerta. Os efeitos de “estranhamento” e de surpresa – na última frase, ou até palavra (v. Baptista, 2000, p. 60), de cada enunciado – são frequentes. O humor, ainda que amargo e até negro, é quase uma constante.

Basta ler o título (e meditar um pouco no paradoxo proposto) para suspeitar que, sob a máscara da *insignificância* (para a qual remete a expressão *Histórias de coisa nenhuma*), o que se pretende, isso sim, é fazer passar algumas *pequenas* (ou maiores?) *significâncias*. Como esta: “Deus a rir é o Diabo” (Baptista, 2000, p. 72). Ou esta outra, de 68 palavras e de sufocante atualidade:

Sonhava escrever com a leveza do voo de um pássaro, assinar ofícios com o fulgor de uma estrela cadente, luz apenas. Naquela tarde, gozo de menino a rabiscar paredes, resolveu adestrar a mão. Ritmos poéticos, a Parker corria leve no papel. Autónoma, precisa. Refulgências de ouro por baixo de «O Administrador Geral». Ele absorto, perdido, cabeça longe. Fez trezentas assinaturas assim. Trezentos ensaios perfeitos. Trezentos despedimentos de sonho. (Baptista, 2000, p. 95)

Por estas histórias breves, brevíssimas, de escrita enxuta, passam a vida política, um *flash* ou outro dos “pantanais” autárquico e empresarial, o mundo citadino e o provinciano, e ainda o veraneante, o editor e o escriba, o pequeno-burguês, o empresário (estes eufemismos!), o proletário e o intelectual de café, as cenas da vida conjugal. Estamos, em suma, ante as inumeráveis situações de um quotidiano assediado (também) pelo que é comum designar – recorrendo a um lugar-comum – como o absurdo da existência, pelo *mal de vivre*, situações reelaboradas por um olhar de fotógrafo poeta e por um talento de contador de histórias. Vem a vida e diz “presente!”, vem a morte e diz “presente!”; Deus e o Diabo espreitam; o amor e o ódio picam o ponto-nosso-de-cada-dia; faz-se ouvir, nas entrelinhas, o convite à insubmissão e à revolta contra as injustiças.

Procurar a genealogia destas histórias de desconcerto (por que não também de proveito e exemplo?) conduz-nos ao território do conto facecioso de raiz popular, mas sobretudo à obra, hoje objeto de redescoberta e revalorização, do surrealista Mário-Henrique Leiria (1923-1980), em especial *Contos do Gin-Tonic* (1973), *Novos contos do Gin* (1974), mas até, num ou noutra caso, *Casos de Direito Galáctico / O mundo inquietante de Josela (fragmentos)* (1975). E não me refiro apenas àquele vetor da escrita de Leiria que toca o domínio da chamada ficção científica, ainda que por vezes com intuito alegórico, e que ressurgiu em Baptista – leia-se, por exemplo, “Vida inteligente, algures no cosmos?...”, mensagem-relatório de um extraterrestre sobre os habitantes da Terra que termina com esta caracterização do Homem: “Trata-se de perigoso predador omnívoro, gravosamente poluente e autodestrutivo stop Bípede manifestamente não inteligente stop” (Baptista, 2000, p. 52). Refiro-me, por um lado, à consideração atual de Mário-Henrique Leiria como um dos principais cultores modernos da mini-ficção em Portugal (a que não terá sido alheio o seu exílio sul-americano) e ao gosto frequente deste autor pela narrativa de uma página ou menos (como o *conto muito curto* – entre 200 a 1000 palavras – ou mesmo *ultra-curto* – menos de 200 palavras –, isto se entendermos usar os termos e definições de Lauro Zavala (2004, pp. 342-343) na sua obra *Cartografías del cuento y la minificción*). Por outro lado, estou a apontar já aspetos que Baptista revela em comum com Leiria, a que teria de juntar, em diferentes contos, a presença de um fantástico de cunho surrealizante, do *nonsense*, do hiperbólico, do humor negro e por vezes do desfecho epifânico. Elementos que, aqui e acolá, sustentam um subtexto crítico elegendo diferentes comportamentos humanos e sociais e a insuportabilidade de certo quotidiano moderno.

No entanto, como antes ficou dito, nem tudo pode ser considerado narrativa em *Histórias de coisa nenhuma e outras pequenas significâncias*. Embora se registem também exemplos de microcontos ou até de *nanoficções* (v. Zavala, 2004, p. 346, citando Santiago Vaquera) ou quase, as “outras pequenas significâncias” do livro são sobretudo compostas por modalidades textuais de acentuada brevidade que ora se aproximam do poema em verso (Leiria também os incluía nos *Contos do Gin-Tonic* e em *Novos contos do Gin*), ora do aforismo ou da máxima, ora da gregueria de Ramón Gómez de la Serna: “A vírgula é o silêncio que se escuta, entre o ruído surdo das palavras” (Baptista, 2000, p. 33); “A pensar com o dente || Na frigideira é onde os passarinhos melhor cantam” [*sic*]; “Felizes os pipos! Atestados

de aguardente” (Baptista, 2000, p. 58); “A morte é um facto horizontal” (Baptista, 2000, p. 75); “O dó dos ricos é o sol dos pobres” (Baptista, 2000, p. 96).

Destas tipologias (escrita aforística, greguería e afins...), mas com variações dignas de nota, se reaproximará Augusto Baptista em outros livros que refiro muito sucintamente. Em *ENIGMATÓGRAFO* (2ª ed. aumentada, 2016), o autor inclui dezenas e dezenas de textos brevíssimos, em prosa, que ele próprio descreve como “interrogações, por vezes rasando o sorriso, por vezes não”. A par do texto, mas dele independentes, insere “enigmas gráficos”, de “pendor surreal” (Baptista, 2016, p. 5). Os textos são seleccionados dos mais de 1300 publicados no blogue *Azul-canário* (<http://azulcanario.blogspot.pt/>), onde, a par de desenhos, o autor divulga muitos dos seus escritos antes da eventual incorporação em livro (contos, crónicas e textos de outros géneros). Em 15 de Maio de 2017, por exemplo, era publicado o Enigma 1327: “Quem se atém a actividades auríferas é aurives?”; em 18 do mesmo mês, o Enigma 1328: “Tocar cornetas prejudica as falangetas?” (v. <http://azulcanario.blogspot.pt/>). É possível proceder a uma organização temática destas frases-enigma que abordam os mais diversos tópicos e que, por vezes, se centram quase exclusivamente na exploração do jogo linguístico, não podendo deixar de lembrar, pela graça poética e pela dimensão lúdica, tanto certas greguerías como os textos da última obra de Pablo Neruda (2006), editada em 1974, o *Libro de las preguntas* (*Livro das perguntas*, na tradução portuguesa de Albano Martins (Neruda, 2008)) – que, por sua vez, não é alheio ao conhecimento das greguerías de Gómez de la Serna –, ainda que Baptista (ouvi-o dizer certa vez em sessão pública) afirme não ter lido o livro do poeta chileno. Três exemplos: “A Saturno foram-se os dedos, ficaram os anéis?” (Baptista, 2016, p. 21); “A palavra moeda tem cara e coroa?” (Baptista, 2016, p. 44); “A água benta é potável?” (Baptista, 2016, p. 63).

Já o livro, de longuíssimo e facetado título, *Elucidário oblíquo do reino dos bichos para crianças de tôdalas idades fábulas parlengas mofas ensinanças luminosas de A a Z com noventa e nove desenhos recomendados pela Liga de Defesa das Línguas em Perigo d’Extinção & Suas Faunas* (2004), conquanto centrado quase sempre no universo animal, é composto por definições poético-humorísticas organizadas pela ordem alfabética dos termos (textos há com a forma de poemas breves, outros lembram greguerías, mas também surgem pequenas histórias). Exemplos: “Dromedário – Camelo de uma nota só” (Baptista, 2004, p. 15); “Narceja – Agudos ziguezagues / ao lume de água / a narceja rasga / as entranhas dos paus” (Baptista, 2004, p. 32); “Peixe-lua – Em quarto minguante, é só espinha” (Baptista, 2004, p. 43); “Rebano – Grupo de animação a actuar nos montes, para promoção do turismo rural” (Baptista, 2004, p. 43).

Trata-se, em suma, de uma obra cujos textos, caracterizados também pela brevidade (extrema ou não), formam no entanto um conjunto de tipo dicionarístico que se inscreve na tradição dos elucidários / dicionários / glossários poéticos de tipo muito diverso, a que pertencem, não obstante as diferenças entre eles, obras como o *Glossaire j’y serre mes gloses* (1939), de Michel Leiris (2014), o *Elucidario* (1999), de Gonzalo Navaza, *Barbarismos* (2014), de Andrés Neuman, o *Dicionário do menino Andersen* (2015), de Gonçalo M. Tavares, o *Pequeno dicionário privativo* (2017), de Albano Martins, o *Devocionário da Terra* que Francisco Duarte

Mangas publica, desde 2016, no jornal *on-line Correio do Porto* (<http://www.correio-doporto.pt/>), para não falar das experiências de Mangas com João Pedro Méseder, nos glossários incluídos em *Breviário do sol* (2002) e *Breviário da água* (2004), entre outros títulos. Julgo ainda que um estudo mais sistemático deste género e afins deverá ter em conta obras algo aparentadas com as anteriores, embora diversas nas intenções e contaminadas pelo discurso ensaístico, tais como o *Dictionnaire des idées reçues* (1850-1880, publicado em 1913), de Gustave Flaubert, *The Devil's dictionary* (1911), de Ambrose Bierce, ou, já nos nossos dias, as experiências da *Enciclopédia da Estória Universal* (2009, data do primeiro volume da série), de Afonso Cruz, e, porventura, do *Dicionário de ideias feitas em literatura* (2016), de José Gardezabal.

Tanto nos dois livros de Baptista que acabo de referir, como no já comentado *Histórias de coisa nenhuma e outras pequenas significâncias*, é recorrente o pequeno jogo de palavras, bem como a exploração, com efeitos agenciadores da história e do próprio sentido anedótico, da literalidade da fraseologia popular – “matar a sede”, “abotoar-se com umas massas” (Baptista, 2008, pp. 38, 48) –, sobretudo nas composições mais breves ou brevíssimas – e estes são apenas alguns elementos de que a oficina humorística de Augusto Baptista se socorre, no que respeita ao cómico de linguagem.

Nos livros de contos *O caçador de luas* (2003) e *o homem que* (2008), em que todas as composições possuem títulos, a escrita ganha em rigor e em refinamento léxico-semântico e até em inventividade linguística, a vários níveis (um dos contos do primeiro livro, “No desmaranho do turundundum” (Baptista, 2003, pp. 126-127), é escrito, na quase totalidade, com termos inventados mas muito expressivos, a fazer lembrar os célebres “Quatro sonetos a Afrodite Anadiómena” de Jorge de Sena (1963); existem também dois ou três casos de textos de cariz concretista). Por outro lado, é visível o apuro no plano estrutural: Baptista é mestre em iludir-nos sobre o objeto do seu discurso, mestre em semear indícios, claro está, mas apenas revelando, na(s) última(s) linha(s), a verdadeira natureza do objeto. E, além da *mise en abîme*, aprecia notoriamente séries e gradações, do maior para o mais pequeno e vice-versa, explorando tais sequências na tessitura textual. No segundo livro, acrescente-se, todos os títulos dos contos principiam pelo segmento “O homem que” seguido de uma forma verbal.

Caracterizados por maior unidade compositiva do que *Histórias de coisa nenhuma e outras pequenas significâncias*, dado serem constituídos apenas por contos breves ou muito breves, sem a presença de textos de tipo aforístico ou de greguerias, *O caçador de luas* e *o homem que* propõem também várias narrativas curtas, de assinalável beleza, não raro com muito de cinemático e sensorial, em que se acentua o lado poético-lírico, com os recursos expressivos que lhe são próprios, por exemplo no plano fónico-rítmico (“Ouvido absoluto” (Baptista, 2003, p. 22); “Clausura” (Baptista, 2003, p. 23); “Génesis” (Baptista, 2003, p. 40); “Criação” (Baptista, 2003, p. 48), e outras, no caso de *O caçador de luas*). Aliás trata-se de textos em que a fronteira entre conto breve e poema em prosa por vezes se dilui – e, deste estrito ponto de vista, pode-se dizer que a escrita do criador de *Elucidário oblíquo do reino dos bichos* se aproxima da de outros autores, portugueses e estrangeiros, em que o mesmo acontece.

Em “Silvilinguista” (*O caçador de luas* [Baptista, 2003, p. 65]) enuncia-se, por outro lado, uma poética destes livros, ou pelo menos parte dela: “O texto parece-lhe ramalhudo. Corta as pernas sem função, desbasta o excesso de folhagem, capa rebentos parasitas. Rigor perfeccionista, monda em volta. Na página, essencial, assoma a árvore”. Em “O homem que joga tangram” – de *o homem que* (Baptista, 2008, pp. 6-7) –, de alguma forma se alude uma vez mais a aspetos da mesma poética da depuração (“E acha interessante o despojamento dos recursos, em contraste com a claridade de tanta silhueta engendrada com aquilo [: as peças de tangram]”), além de se intuir certa dimensão autobiográfica no texto, comum aliás a outras composições do segundo livro (por exemplo, “O homem que trabalha no jornal” [Baptista, 2009, p. 17]).

Em certos momentos, o humor torna-se cáustico e cruel, o seu negrume atinge o limiar do trágico (rir ou chorar?) e vai crescendo o número de histórias breves que terminam com uma morte (num dos casos, o ponto de vista é o de um morto na urna durante os rituais fúnebres). Fica evidente o fascínio pelos bichos e por um aviltante transformismo surrealizante homem→animal (trazendo-nos à memória, mais uma vez, determinados contos de Mário-Henrique Leiria), como se a animalização caricatural da criatura humana fosse, no entanto, forma de exprimir degradação interior. Perpassam questões como o declínio físico, o sobressalto do que se olha com estranheza num espelho, o absurdo do quotidiano, as miragens da sociedade de consumo e o seu reverso (lixo e pobreza), a deterioração das interações humanas, a tensa relação explorador/explorado, a memória do fascismo até (Baptista, 2008, pp. 46-47), a violência sobre as pessoas, a solidão. Mas avultam também a necessidade de transformação do mundo, o livro e a leitura como paixão e viagem, a dimensão salvífica e criadora da arte, o onirismo, os prodígios da beleza feminina, da Natureza, da paisagem. Isto em composições cuja dimensão intertextual (relevantíssima na construção da leitura) convoca, aqui e acolá, Camões, Jacob e Wilhelm Grimm (de “O Capuchinho Vermelho”), Raul Brandão, Afonso Lopes Vieira, a poesia de Carlos Drummond de Andrade, surpreendentemente, até, Agostinho Neto (1987) e o seu título *Sagrada esperança* transportado para inesperado contexto, sem esquecer a sombra tutelar dos contos de Mário-Henrique Leiria.

Neste autor, para quem o tangram, no seu rigor geométrico, pode ser visto como figuração do próprio rigor da escrita, não surpreenderá o cuidado extremo investido na *materialização* do texto literário, isto é, na forma como ele é apresentado ao leitor e o convida à leitura. Importa, assim, sublinhar que, para Augusto Baptista, o livro é um objeto considerado na sua plenitude e, como tal, o autor tem absoluto controlo sobre o paratexto. Um bom exemplo é o micro-livro, de que não terei tempo de falar aqui, *A minha laranjeira e outros contos* (Baptista, 2013), cujas histórias vêm na linha das dos livros de 2003 e 2008, com uma capa de sugestivo título caligramático. Outro exemplo é a primeira edição de *ENIGMATÓGRAFO* (Baptista, 2012), muito diferente da segunda (Baptista, 2016), pelo carácter experimental, concretista da composição tipográfica.

A conceção gráfica da maioria dos livros é da responsabilidade do autor, o que engloba também escolha de papéis e da empresa gráfica. Capa e respetiva ilustração igualmente lhe pertencem. Os aspetos de tipografia (fonte, corpo de

letra...) são cuidados com rigor e a sua semiose explorada. As frequentes ilustrações, em várias das obras, são suas. Encarrega-se amiúde da composição e paginação do texto. Sendo editor e criador da chancela editorial (*gatopardo edições* – marca grafada com minúsculas), o logótipo, quando presente, é criação sua. Casos há em que a produção do livro, na sua materialidade, é assegurada pelas próprias mãos do autor (por exemplo em *ENIgMATÓGRAFO*). Os elementos peritextuais (que aqui apenas num ou noutra caso aflorei) nunca são deixados ao acaso, sendo reconhecível a vontade de tirar partido do seu potencial semântico-pragmático e estético. Além do mais, não é incomum a presença de autorretratos, quer os visuais (veja-se a contracapa do *Elucidário oblíquo do reino dos bichos* ou o já referido blogue do autor, *Azul-canário*, outro importante veículo de transmissão de textos e desenhos) quer os verbais (leia-se o divertido texto contido numa das páginas iniciais de *Humor das multidões*).

Tudo isto permite intuir uma sublinhada afirmação de identidade autoral, que não deixa de ser uma máscara. Mais uma máscara, claro, mas certamente distintiva, nesse grande teatro que é o mundo da criação literária e visual.

## Referências bibliográficas

- Baptista, A. (2000). *Humor das multidões*. Vila Nova de Gaia: Estratégias Criativas/Chãos Velhos.
- Baptista, A. (2000). *Histórias de coisa nenhuma e outras pequenas significâncias*. Porto: Campo das Letras.
- Baptista, A. (2001). *Floripes Negra*. Coimbra: Cena Lusófona.
- Baptista, A. (2003). *O caçador de luas*. Porto: gatopardo edições, col. noiTibó.
- Baptista, A. (2004). *Elucidário oblíquo do reino dos bichos para crianças de tôdaldas idades fábulas parlengas mofas ensinanças luminosas de a a z com noventa e nove desenhos recomendados pela Liga de Defesa das Línguas em Perigo d'Extinção & Suas Faunas*. Porto: gatopardo edições.
- Baptista, A. (2008). *O homem que*. Porto: [AT – Loja Gráfica Lda.].
- Baptista, A. (2012). *Esta terra*. Coimbra: Razões Poéticas.
- Baptista, A. (2012). *ENIgMATÓGRAFO*. Porto: gatopardo edições.
- Baptista, A. (2013). *A minha laranjeira e outros contos*. Porto: gatopardo edições.
- Baptista, A.; & Mangas, F. D. (2014). *O medo não podia ter tudo* (2ª ed. aumentada). Porto: Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto (1ª ed.: 1999, Campo das Letras).
- Baptista, A. (2014). *Opus 4*. Porto: Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto.
- Baptista, A. (2016). *A explicação dos gatos com figuras de tangram*. Porto: gatopardo edições.
- Baptista, A. (2016). *ENIgMATÓGRAFO* (2ª ed. aumentada e visualmente alterada). Porto: gatopardo edições (1ª ed.: 2012).
- Baptista, A. (2017). *Gente do Porto*. Porto: Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto.
- Fialho, H. (2008). Esboço para um ensaio sobre micronarrativa. In R. Costa, & A. Sebastião (sel. e org.), *Primeira antologia de micro-ficção portuguesa* (pp. 9-19). Seixezelo – Vila Nova de Gaia: 7 Dias 6 Noites|Exodus.
- Lopes, P. M. (2017). Sete perguntas a Augusto Baptista. *Correio do Porto*, <http://www.correiodoportop.pt/7-perguntas/sete-perguntas-a-augusto-baptista> (acedido em 12-5-2017).
- Ramos, A. M. (2011). Apontamentos para uma poética do álbum contemporâneo. In B.-A. Roig Rechou; I. Soto López; & M. Neira Rodríguez (Eds.), *O álbum na literatura infantil e xuvenil (2000-2010)* (pp. 13-40). Vigo: Xerais.
- Slocum, J. (2010). Prefácio. In Baptista, A. *Tangram cats: 1111 puzzles* (pp. 18-19). Porto: gatopardo edições.
- Sena, J. de (1963). *Metamorfozes seguidas de 4 sonetos a Afrodite Anadiómena*. Lisboa: Moraes.
- Vieira, V. A. (2017). *Porto de honra e outras cascatas*. Braga: Crescente Branco (fotografias de Augusto Baptista).

Zavala, L. (2004). *Cartografías del cuento y la minificción*. Sevilla: Renacimiento.

### Obras consultadas

- Bierce, A. (2006). *Dicionário do Diabo*. Lisboa: Tinta da China (1ª ed., 1911; trad. de *The Devil's dictionary*).
- Cruz, A. (2009). *Enciclopédia da Estória Universal*. Lisboa: Quetzal.
- Flaubert, G. (1990). *Dicionário das ideias feitas*. Lisboa: Estampa (trad. de *Dictionnaire des idées reçues* (1850-1880), publicado em 1913).
- Gardezabal, J. (2016). *Dicionário de ideias feitas em literatura*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Gómez de la Serna, R. (2006). *Greguerías*. Madrid: Cátedra (início de publicação na imprensa: 1910).
- Leiria, M.-H. (1973). *Contos do Gin-Tonic*. Lisboa: Estampa.
- Leiria, M.-H. (1974). *Novos contos do Gin*. Lisboa: Estampa.
- Leiria, M.-H. (1975). *Casos de Direito Galáctico / O mundo inquietante de Josela (fragmentos)*. Lisboa: República.
- Leiris, M. (2014). *Glossaire j'y serre mes gloses suivi de Bagatelles végétales*. Paris: Gallimard (1ª ed., 1939).
- Mangas, F. D. (2016). *Devocionário da Terra. Correio do Porto*, <http://www.correiodoportu.pt/> (acedido em 10-4-2016).
- Mangas, F. D.; & Mésseder, J. P. (2002). *Breviário do sol*. Lisboa: Caminho.
- Martins, Albano (2017). *Pequeno dicionário privativo*. Porto: Afrontamento.
- Mésseder, J. P.; & Mangas, F. D. (2004). *Breviário da água*. Lisboa: Caminho.
- Navaza, G. (1999). *Elucidario*. Vigo: Xerais.
- Neruda, P. (2006). *Libro de las preguntas*. Valencia: Media Vaca (1ª ed., 1974).
- Neruda, P. (2008). *Livro das Perguntas*. Porto: Campo das Letras (trad. de Albano Martins).
- Neto, A. (1987). *Sagrada esperança*. Lisboa: Sá da Costa.
- Neuman, A. (2014). *Barbarismos*. Madrid: Páginas de Espuma.
- Tavares, G. M. (2015). *Dicionário do menino Andersen*. Lisboa: Planeta Tangerina.

### Resumo

A escrita de Augusto Baptista (n. 1946) tem-se desenvolvido num terreno de legitimação incerto em que convivem o conto, a micronarrativa e outras microcomposições em forma interrogativa a que é dado o nome de «enigmas» – isto a par de textos no campo da reportagem, publicados em revistas e por vezes ilustrados com fotografias do próprio autor, durante anos fotojornalista de profissão. Peculiares são ainda os modos editoriais de circulação de alguma desta escrita – a de intenção literária – em edições de cuidada paratextualidade, quase integralmente concebidas, acabadas e difundidas pelo autor.

Cartoonista e criador de livros de tangram (um dos seus livros literários é impresso num alfabeto de tangram), Baptista revela-se um multifacetado artista, também visual, tendo por vezes como sombra tutelar outro criador nas margens do literário, Mário-Henrique Leiria. Navega assim nas águas de um humor negro que não desiste de denunciar um certo absurdo e não-sentido da existência humana. Interessa, neste artista, aflorar ainda os modos materiais que a sua escrita, muito elíptica, encontrou para chegar ao seu restrito público.

### Abstract

The writing of Augusto Baptista (b. 1946) has developed itself around an uncertain terrain of legitimation in which one finds the short story, the micronarrative and other micro-compositions in interrogative form called «enigmas» – alongside texts from the field of the newspaper report, published in magazines and sometimes illustrated with photographs taken by the author, himself a professional photojournalist for years. Peculiar are also the editorial means of circulation of some of these writings – those which are intended as literary – in editions of a careful paratextuality, almost entirely conceived, finished off and disseminated by their author.

Cartoonist and maker of tangram books (one of his literary books is printed in a tangram alphabet), Baptista proves to be a many-sided artist, and a visual one too, sometimes under the tutelary figure of another creator at the margins of the literary, Mário-Henrique Leiria. He thus navigates the waters of a black humour, which does not abdicate from denouncing a certain absurdity and nonsense of human existence. In the case of this artist, it is also important to consider the material means that his highly elliptical writing found in order to reach its restricted audience.

## ANEXO

### ANTOLOGIA BREVE DE TEXTOS DE AUGUSTO BAPTISTA

#### A cidade fraterna

O veneziano Marco Polo muito falou a Kublai Kan, imperador mongol, da cidade fraterna que dura uma noite. Esse relato o conheceu Italo Calvino, sem que entretanto a tenha arrolado entre as urbes invisíveis que a seu tempo deu a saber, por de todas ser a mais fantástica, tanto que se tornaria inverosímil.

Todos os anos, noite certa, quando o velho jacarandá é uma grande flor azul, nasce a cidade. Os circunspectos cidadãos com fazenda encerram seus graves ofícios e, acompanhados das virtuosas famílias, vêm para a rua folgar com os pobres, os chulos, as prostitutas, carteiristas, polícias, frades, ateus, gente de todas as crenças que ali arriba de longínquos tempos e remotos lugares.

Entre fumaça, balões, pirilampos, carrosséis, foguetes, música, comem, bebem. Incensam-se com ervas, expiam excessos em altos fogaréis saltando e, honra a um orago sem cabeça, dançam. Dançam e martelam-se. E martelam-se. Martelam-se uns aos outros, na cabeça.

Fraternal desatino.

Súbito, mariposa contra a vidraça da manhã, a cidade falece.

*[Não publicado em livro]*

Entreolham-se. E entressonhando, entretecem entrebeijos entretanto. Entredentes, entreouvidos, entresseios, entressorrindo entrementes, nas entrelinhas dos entrenós, entrecruzam entretelas. Entreligam entremeios. Entrelaçam entrefolhos. Entrechocam entretalhos. Entrepernas entretidos.

*Histórias de coisa nenhuma e outras pequenas significâncias, 2000, p. 22*

Ana acorda. Abre um livro à toa, lê.

E, no livro: “Ana acorda. Abre um livro à toa, lê”

– Estranho, pareço eu – balbucia Ana.

E, de novo no livro, como num jogo de espelhos: “– Estranho, pareço eu – balbucia Ana.”

A Ana do livro era ela, estava certa agora. Intrigada, corre ao fim da história...

“A Ana do livro era ela, estava certa agora. Intrigada, corre ao fim da história... Inesperado, com um leve ranger de porta, André, enfim de volta da Amazônia! Entra, na mão um grande ramo de rosas bravas, como ela gostava. – André, que surpresa! – grita Ana, retrato de felicidade.”

– André, que surpresa! – grita Ana, retrato de felicidade.

“André sopra a zarabatana, dissimulada entre as rosas. A seta de curare letal entra fundo na garganta da namorada, como uma zaragatoa. Ah!”

– Ah!

*Histórias de coisa nenhuma e outras pequenas significâncias*, 2000, p. 12

### **Caça grossa**

Pelo entardecer, monta a emboscada por detrás do outeirinho. À hora prevista, ela aparece, plena, radiosa. Ergue-se, arpão na mão direita, firme. Rápido, vigor brutal, arremessa. Um silvo persistente rasga a noite, a noite pálida.

*Seja o que Deus quiser*, congemina a caminho de casa. E fecha-se na sala de troféus, onde já exhibe uma esplendorosa lua cheia e dois razoáveis quartos minguantes.

*O caçador de luas*, 2003, p. 29

### **Surucucu**

Sorvia um sumo açucarado quando sucedeu um sussurro associado a um sopro assolapado. Assustado com o assunto que lhe desassossejou a sorna, o idoso senhor Sousa surpreendeu no soalho uma sombra sulfúrea a submergir sorrateira no sopé do sofá. Decerto sonhara. E sorriu assombrado com a suposição de assurgir assim uma serpente a sério, sinuosa, suave, a sobressaltar-lhe subitamente a solidão.

*Elucidário oblíquo do reino dos bichos*, 2004, p. 44

### **O homem que se abotoou com umas massas**

Com evidente embaraço, a dona da loja lamentava não poder satisfazer as exigências do encapuzado. Carolino, agulha, extra, arroz não tinha. Mão na máquina registadora, insinuou alternativa: talvez massas, umas massas. Ladrão romântico, o assaltante guardou o revólver e, contrafeito, saiu com uma embalagem de aletria na mão e dois pacotes de estrelinha no bolso.

*o homem que*, 2008, p. 48

### **O homem que engole aço**

Quando lhe perguntam como consegue tal prodígio, diz ser tudo resultado de uma evolução paulatina, natural. Começamos pelo leite, explica, depois as papas, o arroz, a carne e outros sólidos.

No seu caso, iniciou-se nos canivetes pequeninos, passou às facas, depois às baionetas, e só agora ousa engolir as espadas da farda de gala da GNR.

*o homem que*, 2008, p. 61

### **A minha laranjeira**

Tenho uma laranjeira no quintal, plantada por minhas mãos um dia, pequenina, a bem dizer criança, que no Inverno se cobre de frutos para mim. Por mais que a admoeste, lhe recomende temperança, todos os anos o esgaçar costumeiro dos braços crivados de frutos, no chão molhado. Comovido, nas noites frias, cinjome a ela e, tronco com tronco, juntos carregamos o martírio. Até ser manhã.

*A minha laranjeira e outros contos*, 2013, p. 3

### A primeira palavra

Enfim entre paredes, sem saber por onde começar. Tinha de meter as mãos no fogo. Domar o alfabeto, as letras. Tocar-lhes, aprender-lhes o corpo, saber-lhes o tipo, itálico, redondo, caixa alta, baixa. Compor. Passar o rolo, a tinta, na mancha de chumbo. Amordaçar os ruídos. Acabrunhar o cheiro. Imprimir o jornal, papel tão fino quanto a mortalha do cigarro que agora lhe pende dos lábios. Ousa compor a palavra. Mede-lhe as vogais, mira-lhe as consoantes. A medo isola um L, o maior que encontra na tituleira, e com a mesma desmesura de corpo junta um I, sempre em caixa alta, um B, a soletrar com os dedos busca um E, logo um R, um D, A, outro D e... E, inflamada com um ponto de exclamação, a palavra. A sua primeira palavra clandestina.

*A minha laranjeira e outros contos, 2013, p. 7*

### Mirim

O dia, a data, a gata preta: pensou em azar. Pensou no azar de, justo naquela sexta-feira treze lhe morrer a gata, a sua velha gata preta. Recusou sepultar a dor no lixo da cidade: numa caixa de cartão embalou o corpo pequenino, amortalhado numa tira de lençol, partiu com o discreto esquife debaixo do braço. Chegado à terra-mãe, horas de viagem, buscou a enxada, gume enferrujado pelo pousio, cavou. Fundo, o mais fundo que alcançou no solo empedernido, cavou. Cavou como quem busca um aconchego, umas mãos abertas, um ninho, um berço essencial para cingir a velha companheira, neste chão indócil de palavras.

*A minha laranjeira e outros contos, 2013, p. 4*